

CARTA AO LEITOR

Letter to the reader

Sempre é prudente rever os contextos históricos antes de avaliar os desdobramentos das atuais inovações tecnológicas e estruturais que ocorrem num ritmo bastante acentuado pela informatização, que hoje afeta todos os tipos de tecnologias e de meios de produção, de comunicação e de cultura.

Os estudos sistemáticos e significativos sobre a comunicação e a cultura brasileira de massa começaram a despontar durante a década de 1960, com o desenvolvimento de faculdades e cursos de Comunicação.

Mesmo que nos últimos 50 anos tenha havido uma expansão significativa das pesquisas e do pensamento comunicacional brasileiro, ainda não refletimos devidamente sobre os efeitos da cultura comunicativa na constituição da “modernidade brasileira”. Afinal, a imprensa e o jornalismo ganharam força no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, um período coincidente com a segunda Revolução Industrial. Daquela época em diante, os meios de comunicação foram utilizados como ferramentas para a difusão de interesses dominantes e de padrões de produção e de consumo material e simbólico.

O desenvolvimento das primeiras gerações de máquinas e a multiplicação das instalações fabris durante Revolução Industrial inglesa apressou o esvaziamento demográfico do campo e alterou definitivamente o espaço urbano e o modo de vida de distintas camadas sociais. As grandes cidades atuais se configuram como o exemplo mais bem elaborado das transformações do espaço, ocorridas desde o fim do século XVIII, um fenômeno histórico-geográfico que o geógrafo Milton Santos denomina de “*momento da criação do meio técnico.*”

O meio natural era aquela fase da história na qual o homem escolhia da natureza aquilo que era fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam a base material da existência do grupo. O fim do século XVIII e, sobretudo, o XIX vem a mecanização do território. Podemos dizer que esse momento é o momento da criação do meio técnico, que substitui o meio natural.

Os efeitos da expansão do modo de trabalho fabril, das redes de meios de transportes, de serviços urbanos e de comunicação também produziram no entorno social dos espaços industrializados, alterações cognitivas e nos sentidos culturais. O “maquinismo” fixou como elementos “naturais e universais”, alguns conceitos exclusivamente modernos. Houve o reforço da cisão entre teoria e prática, entre técnica e tecnologia, foi acentuada a divisão social e a “tecnificação” do trabalho.

A rapidez e a velocidade, duas novas categorias, que foram somadas posteriormente ao imperativo da eficiência e da qualidade, foram transformadas em componentes essenciais da ordem sócio-produtiva moderna. Os meios elétricos de comunicação em tempo real incorporaram uma crescente sensação coletiva de supressão da temporalidade comunicativa. A evolução técnica dos veículos de transporte desenvolveu a sensação de redução das

distâncias entre os espaços geográficos. Logo, os meios comerciais de comunicação foram criados para tecer suas redes e relações verticalizadas e unilaterais de produção e de difusão de informações, para abrandar e até diluir as reações culturais resistentes ao predomínio da ordem liberal e moderna. As tecnologias de informação e comunicação assumiram valor estratégico desde meados do século XIX.

Desde os primórdios do liberalismo, os investimentos na criação de periódicos de imprensa foram estratégicos para que as burguesias ascendentes ou estabelecidas pudessem debater e disputar no espaço público dos jornais, as questões da política e do Estado, e especialmente, para sustentar os múltiplos interesses privados que derivam da esfera pública. Assim, com o uso regular do jornalismo e também da publicidade, tornou-se possível mobilizar continuamente a atenção da denominada sociedade civil dos continentes europeu e americano (principalmente de suas parcelas alfabetizadas) e também conseguir “naturalmente” a adesão das diversas camadas sociais ao ideário capitalista e “democrático”.

Afinal, o liberalismo “democrático” despontou nos dois continentes ocidentais, como desdobramento de três movimentos revolucionários seguidos e bem sucedidos: a Revolução Industrial na Inglaterra, a revolução política na França e a luta pela independência, primeiramente nos EUA, e depois nos territórios da América ocupados pelos colonizadores latinos. Os três eventos históricos propiciaram a rápida difusão dos princípios liberais e democráticos na economia e na política ocidental e fortaleceram a secular luta da sociedade civil, sobretudo da nova classe trabalhadora urbano-industrial, por liberdade de organização trabalhista, política e de expressão pública, pela educação laica e universal, pelos direitos individuais e coletivos e por leis e políticas de proteção social.

De igual modo, esses fatores estratégicos passaram a integrar à vida e o ambiente social, o que significou um vínculo direto da educação, da ciência e dos modelos comunicativos com as concepções e modos modernos de trabalho, de produção e de organização social. Nesse sentido, a técnica e a tecnologia sempre estiveram vinculadas, pelo menos em tese, aos processos e conhecimentos educacionais, científicos e, sobretudo, aos projetos político-administrativos das facções da classe dominante, que passaram a disputar por diversas vias, o controle da máquina pública dos Estados Nacionais. Nas sociedades liberais modernas, o desenvolvimento de veículos privados de imprensa “livre”, de educação pública e laica mantidas pelo Estado, passou a servir diretamente aos interesses dominantes.

Naquele contexto de modernização dos meios e dos modos de produção e a expansão do trabalho imaterial ocorreu simultânea ao desenvolvimento do trabalho industrial e de outras atividades urbanas e serviu para atender aos contingentes modernos, cujas necessidades cotidianas já não podiam ser supridas apenas com casa, roupa, comida e reprodução.

Em 1840, a criação da primeira agência de publicidade na cidade da Filadélfia, marcou o início da indústria cultural moderna e o prenúncio da segunda revolução industrial, que eclodiu nos EUA atraindo os países europeus que não tinham conseguido industrializar-se durante o primeiro ciclo fabril iniciado na Inglaterra. A propaganda e as informações jornalísticas foram extremamente úteis ao desenvolvimento do comércio e da indústria capitalista.

Os jornais e revistas, além de vender uma profusão de mercadorias materiais produzidas pelos polos fabris, serviram para difundir o novo modo de vida e de valores dominantes. Assim, os espetáculos teatrais e musicais, as exposições circenses, a literatura, almanaques e enciclopédias passaram a fazer parte do desejo de consumo de um número crescente de pessoas. A educação, a cultura e o entretenimento adquiriram crescente importância no espaço social urbano e a imprensa viabilizava a proliferação de uma nova e lucrativa atividade de produção e oferta desses bens simbólicos para as diferentes camadas populacionais. As tecnologias de motorização permitiram desenvolver novas impressoras com grande

capacidade de tiragem, fator que estimulou a organização empresarial de gráficas e de editores de jornais, de livros, revistas e de material para divulgação publicitária.

Assim, os meios de comunicação de massa surgiram naquele contexto efervescente como ferramentas essenciais para o liberalismo poder transformar as perenes manifestações culturais e educativas em trabalho abstrato, que foram rapidamente convertidas em produtos literários, plásticos, musicais, pedagógicos, publicitários e jornalísticos, para alimentar o extraordinário mercado simbólico e fazer vicejar seguidamente, as editoras, os jornais e as revistas, o cinema, o disco, o rádio, a televisão e todo o aparato de *marketing* e de publicidade.

No entanto, os veículos de entretenimento mais significativos e abrangentes não seriam criados pela comunicação impressa, seja jornalística, publicitária ou literária, principalmente pela limitação imposta pelo analfabetismo e pelo seu aspecto individual de recepção. A cultura do entretenimento comercial surgiu com as sociedades industriais e urbanas, foi possibilitada pela regulamentação das jornadas de trabalho e pelo crescimento da renda *per capita*, que criou condições para que diversas camadas sociais tivessem mais tempo livre e dinheiro para consumir bens culturais e atividades de diversão.

As “indústrias culturais” criaram fluxos culturais e econômicos duradouros, de ampla abrangência, e que nos dias atuais estão sendo potencializados e também transformados pelas recentes digitalização e difusão de conteúdos midiáticos pela expansão ligeira da internet. As tecnologias digitais e suas funções comunicativas e produtivas vão se instalando definitivamente no cotidiano social dos povos, mesmo que haja entre eles diferentes estágios de desenvolvimento.

A Revolução Informacional é o maior evento técnico-científico e cultural derivado da modernidade urbano-industrial, é um fenômeno contemporâneo regido pela multiplicação e a popularização de plataformas, de sistemas operacionais e dispositivos informáticos de teleinformação e de comunicação, que disseminam aplicativos, conteúdos, linguagens e novos modos culturais capazes de criar novos comportamentos individuais e coletivos, tanto de consumo de informação, quanto de entretenimento e de serviços, além de gerar e de ampliar mercados, redes sociais e espaços públicos virtuais. Há um movimento veloz e voraz, que gera a sinergia e a convergência que alimenta a expansão contínua da economia e da cultura digital, enquanto desorganiza e condena à superação, os sistemas produtivos antigos e culturas tradicionais. A “ordem informacional” também afeta os novos modelos, ao alimentar uma disputa acirrada e constante entre os diversos atores presentes no mercado da inovação.

O fenômeno da digitalização dos sistemas de comunicação e de todos os aparatos produtivos derivados do maquinismo e da economia industrial moderna ultrapassou o limite evolutivo típico das transformações tecnológicas decorrentes da competitividade capitalista clássica. Na prática, as tecnologias atuais também são derivadas dos ajustes estruturais do liberalismo global e vão retroalimentar as seguidas transformações que incidem diretamente, em maior ou menor grau, sobre os meios de produção e sobre os modos de trabalho material e simbólico das sociedades atuais, conforme o estágio de desenvolvimento que elas possuam. Elas afetam também as relações econômicas, a cultura e as sociabilidades cotidianas.

Afinal, as tecnologias informáticas são também ferramentas sociais e culturais. Assim, a popularização dos novos dispositivos digitais vai mudando as atividades comunicativas cotidianas, os veículos e os padrões informativos, que desde o princípio da Modernidade foram disseminados em larga escala, como eficientes instrumentos “civilizadores” e indutores de novos modos produtivos, criadores de mercados e de novas necessidades ou de hábitos sociais modernos.

Os Editores.